



O ser e o estar da mulher negra no conto “Luamanda”, de Conceição Evaristo

Fabiana Santos Souza (UFBA)¹
(profabisantos@outlook.com)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo observar de que modo a construção de estereótipos a partir dos filtros da raça, gênero e sexualidade interferem na vida de mulheres na sociedade brasileira. Pensando nesses lugares sociais pré-definidos, este trabalho visa apresentar análise, perpassada pela personalidade, do conto “Luamanda”, presente no livro *Olhos D’Água*, da escritora negra Conceição Evaristo. Em alusão ao livro mais recentemente publicado de Beatriz Nascimento, *in memoriam*, ressalto que essa “história feita por mãos negras” deve ser contada por inúmeras e diversas vozes. As contribuições de Conceição Evaristo ultrapassam a sala de aula, e atuam, sobretudo, pensando a mulher negra, as diversas interseccionalidades que as atravessam e suas escrevivências. A metodologia interpretativa pauta-se na construção da mulher negra a partir da teorização de Gonzalez (2020) e Kilomba (2018); para pensarmos a forma como as sexualidades dos sujeitos negros são pensadas, em destaque para as das mulheres negras, nos embasamos em hooks (2019). Os estudos culturais fornecem os instrumentos teóricos para compreendermos criticamente as diversas literaturas e realidade. Este estudo não está findado e está em constante movimentação. Mediante esses apontamentos, objetiva-se observar a interlocução entre literatura, gênero, sexualidade e racismo.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; negritude; sexualidade; gênero.

Abstract: This work aims to observe how the construction of stereotypes from the filters of race, gender and sexuality interfere in the lives of women in Brazilian society. Thinking about these pre-defined social places, this work aims to present analysis, traversed by personality, do conto “Luamanda”, present in the book *Olhos D’Água*, the black writer Conceição Evaristo. Alluding to the most recently published book by Beatriz Nascimento, *in memoriam*, I stress that this "story made by black hands" must be told by numerous and diverse voices. Conceição Evaristo’s contributions go beyond the classroom, and act above all, thinking the black woman, the various intersectionalities that cross them and their writing. The interpretative methodology is based on the construction of black women from the theorization of Gonzalez (2020) and Kilomba (2018); to think about the way black subjects' sexualities are thought, especially those of black women, in the embasamos in hooks (2019). Cultural studies provide the theoretical tools to critically understand the diverse literatures and reality. This study is unfinished and is in constant movement. Through these notes, the objective is to observe the interlocution between literature, gender, sexuality and racism.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; negritude; sexuality; gender.

¹ Graduanda em Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6924110270922605>



Apresentação

“A História da ascensão social do negro brasileiro é, concomitantemente, a história da construção de sua emocionalidade, essa maneira própria, historicamente determinada de organizar e lidar de forma dinâmica com o mosaico de afetos.” (SOUZA, 2021, p. 47). É desse modo que a médica psiquiatra e psicanalista Dra. Neusa Santos Souza inicia sua tese de mestrado, que alguns anos depois viria a ser seu primeiro livro publicado, cujo título é *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. É sobre a emocionalidade, o ser e o estar de uma mulher negra que falaremos aqui neste artigo.

Este texto foi apresentado em formato de comunicação oral no dia 07 de outubro de 2021, no III Seminário Nacional de Línguas e Linguagens da UFMS/CPAQ e IV Seminário da Sociedade dos Leitores Vivos, com o objetivo de dialogar com outros pesquisadores que também se dedicam à escrita e leitura atenta das diversas linguagens. A presente pesquisa está em andamento, portanto, ainda não tem resultados. Contudo, tem objetivos que voltam-se à observação acerca da influência e determinação de estereótipos a partir dos filtros da raça, gênero e sexualidade na vida de mulheres na sociedade brasileira. Com esse intuito, olharemos a representação das mulheres negras em literaturas contemporâneas, e de que modo sua identidade e sexualidade são construídas.

A insubmissão do corpo feminino negro e a imposição social de padrões de comportamentos para as mulheres atravessam séculos. E, conseqüentemente, violências de gênero perpassam essas insubmissões. Assim, mediante essa realidade de tensionamento, surgem os questionamentos que embasam o presente estudo: a representação social das mulheres negras determina o comportamento dessas mulheres? A insubmissão é uma forma de resistência? Ou um reforço do estereótipo da negra hiperssexualizada? A fim de compreender um pouco acerca dessa problemática, iremos analisar o conto “Luamanda”, presente no livro *Olhos D’Água*, escrito pela linguista brasileira Conceição Evaristo.

Conceição Evaristo

Devido aos resquícios da escravidão transatlântica, alguns padrões de comportamento foram impostos pelos colonizadores exploradores portugueses. Dentre essas imposições está



o silenciamento das pessoas negras. É um silenciamento duplo, tanto no sentido de que não se pode falar durante a exploração, como não pode falar das dores de estar na condição de explorado. Esse cenário não se restringe ao Brasil. Nas diversas colônias houve essa violência impositiva do silêncio, a título de exemplo temos o que a filósofa, crítica literária e pensadora afroamericana bell hooks (2019) nos diz:

Para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça. (hooks, 2019, p. 36).

Nesse interim, a psicanalista e ativista portuguesa Grada Kilomba (2019), em seu livro *Memórias da Plantação*, nos apresenta um capítulo inteiro falando sobre o silenciamento imposto aos sujeitos escravizados e revela como isso se caracteriza como uma estratégia de violência e opressão. Segundo Kilomba (2019), “a máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente, possam pertencer.” (KILOMBA, 2019, p.43). Com isso, percebemos que falar é um ato de resistência. E que o “dar a voz” não se aplica mais à atual realidade das mulheres negras, hoje nós erguemos nossa voz. E é isso que percebemos na escrita de Conceição Evaristo. Sabemos que ela é a escritora. Mas cada personagem tem sua própria enunciação. Cada uma toma e levanta a voz de sua maneira particular.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946. Foi empregada doméstica e concluiu o ensino básico aos 25 anos de idade. Em seguida, ingressou no curso de Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fez mestrado em Literatura Brasileira na PUC – Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ). Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas no importantíssimo projeto Cadernos Negros, que é uma iniciativa de publicação em série do Coletivo e Editora Quilombhoje. Conceição Evaristo tem seis livros publicados: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2017); *Poemas da Recordação* (2011); *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011); *Olhos D’Água* (2014) e *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2017). Em todas essas obras, a autora Conceição Evaristo traz à tona a realidade



de várias mulheres negras, incluindo as violências às quais são expostas, as humilhações, abandonos, sofrimentos, dores e delícias de ser.

O conto aqui analisado compõe o livro *Olhos D'Água*, no qual estão presentes outros 14 contos que abordam a pobreza, violência urbana, violências sexuais, exploração, racismo e abandono. Em “Luamanda” percebemos que é mostrada a realidade que se localiza na narrativa particular da personagem central, mas que não é só dela. É uma história de muitas outras mulheres negras. Como diz Jurema Werneck (2010) “nossos passos vem de longe”. O que isso quer dizer? Que a história da mulher negra não começa agora, as problemáticas que atravessam as mulheres negras, não começam agora. O conto “Luamanda”, assim como o livro, desloca essas personagens da periferia para o centro, colocando-as como protagonistas de uma história e pondo luz em suas questões sociais e individuais. A escritora e professora Heloisa Toller Gomes, ao prefaciar o livro *Olhos D'Água*, afirma que:

No livro estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira. (GOMES in EVARISTO, 2016, p. 10).

De fato, esse livro é protagonizado por mulheres negras, que agem de modos insubmissos em diversas situações. Sendo mulher negra, o simples ato de estar viva já é uma insubmissão. Porque é uma atitude contra as estatísticas, por exemplo, do Atlas da Violência de 2021, que revela a presença destacada das mulheres negras como as que mais sofrem violência doméstica, e que mais são mortas em decorrência dessas violências e outras. De acordo com o Atlas da Violência de 2021, produzido pelo Ipea e pelo FBSP (Fórum Brasileira de Segurança Pública), 66% das mulheres assassinadas no Brasil são negras.

O conto “Luamanda”

A narrativa se desenvolve em torno da personagem central Luamanda. O segundo parágrafo do texto se inicia estabelecendo uma sintética explicação e comparação do nome



dela com a lua: “lua, Luamanda, companheira, mulher.” (EVARISTO, 2016, p.59). O espaço em se desenvolve o enredo não é propriamente descrito, contudo, há dois momentos temporalmente marcados e que nos possibilitam perceber a mudança de espaço também. Pois, é falado sobre Luamanda em sua infância, no passado, quando ainda morava com sua mãe, da qual apanhou. E, em seguida, o outro espaço, apesar de não ser demarcado, é perceptível que é fora da casa da mãe, por já estar Luamanda adulta e, a posteriori, com filhos.

Luamanda é caracterizada desde o início do conto e, são adicionadas características ao longo da narrativa. Primeiro ela é descrita como companheira e mulher e, em seguida, após ter os filhos, e após a filha dela ficar grávida, ela é caracterizada como “Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo” (EVARISTO, 2016, p. 63). Ser Luamanda é ser alguém que fisicamente está envelhecendo aos poucos, como descrito a seguir:

Luamanda consertou o vestido no corpo observando por alguns instantes o colo e o pescoço. Não, a sua pele não denunciava as quase cinco décadas que já havia vivido. As marcas no rosto, poucas, mesmo quando observadas de perto mentiam descaradamente sobre sua idade. Nunca ninguém havia lhe dado mais de quatro décadas de vida. Um dia o lance mais alto que ela orgulhosamente aceitara fora de 35 anos. Sorriu ao ouvir a oferta. É, estava inteirinha, apesar de tantos trambolhões e acidentes de percurso em sua vida-estrada. (EVARISTO, 2016, p. 59).

Além disso, já na página 63, lemos mais sobre a descrição física de Luamanda, da seguinte forma:

Alma-menina no tempo? Não, ela não se envergonhava de seu narcisismo. Era com ele que ela compunha e recompunha toda a sua dignidade. [...] Pouquíssimos fios de cabelos brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais. Imaginou-se com os cabelos brancos sobre o rosto negro. (EVARISTO, 2016, p. 64).

Assim é descrita fisicamente Luamanda, que além de ser interseccionada pelo gênero, é também perpassada pela raça. Desse modo, faz-se necessário que pensemos o “ser mulher” e o “ser negra” no Brasil, a fim disso, olhemos Luamanda. Na narrativa sobre a qual estamos



dialogando, há o relato de uma violência que a personagem central sofre. Uma violência doméstica. Pois, o parceiro não aceitou o fim do relacionamento. Por isso, feriu-a em sua vagina com um “fino espeto”. A situação vivida por ela tem características individuais, contudo, diversas mulheres negras também vivenciam violências domésticas, inclusive sexuais, ou seja, não se restringem à realidade de Luamanda. A condição de ser mulher no Brasil implica diversas complicações e violências perpassadas pelo gênero. Segundo o Atlas da Violência de 2021,

Mais de três mil mulheres (3.737) foram assassinadas no Brasil em 2019. Este número inclui circunstâncias em que as mulheres morreram por causa de sua condição de gênero, ou seja, em situação de violência doméstica ou familiar ou quando há menosprezo ou discriminação à condição de mulher, como em casos de violência urbana, como roubos seguidos de morte e outros conflitos. (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2021).

Esses fatos marcam as vidas das vítimas, quando sobrevivem. E nem sempre tem o suporte por parte da sociedade. Redes de apoio são importantíssimas para o adequado enfrentamento das consequências e traumas dessa vivência, no entanto, no Brasil está enraizada a cultura de culpabilizar a vítima, então, seguindo essa linha de raciocínio, possivelmente culpariam Luamanda por ser uma mulher livre, que vive sua sexualidade em sua plenitude. Sim, ela vive a plenitude de sua sexualidade! Contudo, violência independente do caráter é desumana em qualquer relação e deve ser denunciada. O código 180 é o canal para ligações em casos de violência contra a mulher. Tanto pode ser acionado pela vítima, quanto por testemunhas. Esse pensamento de culpar a vítima é resultado do machismo, como afirma a crítica cultura hooks (2019):

Impregnada em tal pensamento está a suposição machista de que a mulher como sujeito desejante, como iniciadora ativa, como sedutora sexual, é responsável pela qualidade, pela natureza e pelo conteúdo da resposta masculina. (HOOKS, 2019, p. 281).

Luamanda precisou ficar isolada por algum tempo. Precisaria de uma rede com profissionais multidisciplinares, como médicos e psicólogos, mas ela não encontrou suporte psicológico de modo algum. O caminho que ela seguiu foi o de isolar-se. Tocar sua ferida e



esperar cicatrizar. Aguardar que a dor amenizasse para que ela tivesse condições de tentar retornar à vida comum. Como mulher negra, Luamanda também é marcada por estereótipos. Como afirma Lélia Gonzalez (2020), “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão.” (GONZALEZ, 2020, p. 58). De imediato observamos que além da violência doméstica sofrida e, anteriormente comentada, Luamanda também é uma mulher que, assim como muitas outras mulheres negras, é hiperssexualizada e mãe solo.

Quanto à construção da imagem da mulher, muito da cultura naturalizada no Brasil, se embasa nos mitos divulgados por Gilberto Freyre: “o da sensualidade da mulher negra” (GONZALEZ, 2020, p. 61) que, ao longo da história, construiu o ideal de que estão prontas para as relações sexuais, a todo tempo, e que são sexualmente “fogosas”. Esse mito é reforçado pelas mídias, tanto pelas propagandas, quanto pelas produções televisivas, a exemplo novelas e programas. Um exemplo bem destacado e conhecido é a imagem da Globeleza, que é um projeto anual promovido pela Rede Globo de Comunicação, no qual expõe mulheres negras seminuas, somente com pinturas corporais, que sambam em alusão ao carnaval. Essa imagem ficou impregnada no imaginário coletivo e contribuiu intensamente para a manutenção do estereótipo hipersexualizante.

Acerca dos filhos, Luamanda cria, educa e cuida sozinha deles. Segundo o IBGE, 61% das mães solas no Brasil são mulheres negras. Situação que se deve tanto porque, paralelamente, os homens negros são os principais alvos de violência, seja por violência urbana ou policial e, em muitas vezes, são os pais dessas crianças. A outra hipótese de análise para que o maior número de mães solas serem mulheres negras é a de que os pais literalmente abandonam essas mulheres. As razões não sabemos, mas todas essas questões são perpassadas pelo filtro da raça e marcadas pela violência. No caso do conto Luamanda, não sabemos quais as razões para que ela cuide dos filhos sozinha, somente que são cinco filhos, sendo três mulheres e dois homens.

Luamanda ressignifica a sua dor, e como protagonista da própria história busca viver sua virilidade, beleza e sexualidade como bem entender. Ela subverteu lugar da mulher como objeto e assume o de sujeito ativo. O “estar” de Luamanda é contado a partir de seus



relacionamentos sexuais, portanto, é perceptível como ela se encontra a partir disso. Após cada envolvimento que ela tem, fica o questionamento sobre o amor. Não somente relacionamentos sexuais, pois o primeiro momento que Luamanda se questiona sobre o amor foi quando apanhou de sua mãe. Ela, ainda criança se perguntou se o amor machucava, se doía. A pergunta surgiu a partir de sua certeza de que a mãe a amava, contudo, ainda assim a feria. Em seguida, o segundo estado de Luamanda é descrito como “corpo-coração” para se referir à tamanha emoção que ela sentia ao ser penetrada sexualmente, em sua primeira relação sexual. Assim é descrita a cena:

Corpo-coração espetado por um falo, também estreante. Um menino que se fazia homem ali, a inaugurar em Luamanda o primeiro jorro, fora de suas próprias masturbantes mãos. E ambos se lambuzavam festivamente um no corpo do outro. Luamanda chorando de prazer. O gozo-dor entre as suas pernas lacrimava no falo intumescido do macho menino, em sua vez primeira no corpo de uma mulher. O amor é terremoto? (EVARISTO, 2016, p. 61)

Essa cena é testemunhada pela lua, que estava no céu, a olhar tudo o que acontecia. Depois, o outro estado de Luamanda é marcado pelo encontro com o pai de seus filhos. Mais uma vez a lua se faz presente, contudo, agora em sua barriga, pois, devido às gestações, ela ficou com barriga grande. Luamanda “sentiu o sorriso desgrudando da face dele e mordendo lá dentro. O coração de Luamanda coçou e palpitou, embora a cara da lua nem estivesse escancarada no céu. Não fazia mal, a lua viria depois. E veio, várias vezes. Lua cúmplice das barrigas-luas de Luamanda” (EVARISTO, 2016, p. 61). O questionamento acerca do amor que aqui foi levantado foi “o amor é um poço misterioso onde se acumulam águas-lágrimas?” (EVARISTO, 2016, p. 61). A reflexão possível é o fato de Luamanda pensar e falar sobre lágrimas e sobre mistério, o que nos direciona a entender que o pai dos filhos já não está mais sendo companheiro e, possivelmente, por isso ela chora, além de não entender o mistério do abandono.

O próximo estado de espírito de Luamanda é bem sensível, de muita delicadeza, suavidade e, diria, até mesmo paz e está intrinsecamente ligada à quebra da heterossexualidade compulsória, que, segundo a poetisa e ensaísta Adrienne Rich (2012), a sociedade é compulsoriamente condicionada a viver relações heterossexuais e cumprir com a



heteronormatividade é quase uma exigência social. A pesquisadora também afirma que essa determinação interfere nas vivências lésbicas, pois muitas mulheres receiam se descobrir ou “explorar” possibilidades de experimentações. Luamanda não é assim. Ela se permite e vive uma relação com uma semelhante sua. Interessante o jogo de palavras utilizado, pois, não se fala homoafetividade, mas que “Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus.” (EVARISTO, 2016, p. 61). A descrição é ricamente detalhada no fragmento abaixo:

Os bicos dos seios dela roçando em outros intumescidos bicos. No primeiro instante sentiu falta do encaixe, do membro que completava. Num ato de esquecimento, sua mão procurou algo ereto no corpo que estava diante do dela. Encontrou um falo ausente. Mas estava tão úmida, tão aquosa aquela superfície misteriosamente plana, tão aberta e igual a sua, que Luamanda afundou-se em um doce e feminino carinho. [...] O amor se guarda só na ponta de um falo, ou nasce também dos lábios vaginais de um coração de uma mulher para outra? (EVARISTO, 2016, p. 61).

O outro estado de espírito de Luamanda é de bem-estar físico e está conectado inclusive com sua vaidade e narcisismo anteriormente comentado. Ela se relacionou com um jovem moço que possibilitou a ela “montar como uma amazona” e, conseqüentemente, “reencontrar a sua

juventude passada e encantada pela virilidade quase inocente dele.” (EVARISTO, 2016, p. 61). O questionamento que ficou foi se o amor caberia em um corpo. Essa pergunta se refere à descrição anterior que ela faz do órgão genital do jovem, que provoca o questionamento mental em Luamanda, se ela seria atravessada pelo órgão dele.

O outro amor que ela viveu foi uma relação mais madura, na qual é dito que o estado de espírito dela estava mais próximo do equilíbrio, apesar de ser uma paixão avassaladora, mas simultaneamente mais equilibrada. Com esse parceiro ela treinou a paciência, a calma, “e foi no corpo do velho que ela melhor executou o ritual do amor. [...] Ela também calma, apenas retesando suavemente os finos véus sanguíneos, bordados nas paredes vaginais.” (EVARISTO, 2016, p. 62). Nesse relacionamento, Luamanda se perguntou se o amor é paciência. Pois, o amor geralmente é associado ao que ela vivenciou nas relações e com esse ela viveu esse estado.



O outro amor de Luamanda é com o homem que não aceita o fim do relacionamento. Diante disso, violenta-a. Perfura sua vagina com um fino espeto. “E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio. Logo ali onde a vida se entranha e desentranha.” (EVARISTO, 2016, p. 62). Nesse momento, Luamanda passa a exercitar a paciência com seu próprio corpo, ficou “aberta para si mesma”. Ela chorou. Sofreu. E a pergunta era se aquilo poderia ser amor, se o amor comportaria variações de sentimentos. A cada amor que Luamanda vivia, um novo aprendizado adquiria e novas perspectivas e perguntas conseguia formular acerca desse sentimento.

A autora não nos concede as respostas, mas conseguimos nos envolver e responder mentalmente. A única conclusão possível e geral é de que o amor se manifesta de várias formas. Ao fim, Luamanda recuperada de sua dor, reinicia sua vida relacional e sexual. Ela torna-se avó, sua filha fica “semelhante à lua”, permanece parceira dos filhos e, segundo o enredo, sai para encontrar alguém. Não sabemos qual o gênero, mas ela precisava ir, porque não tinha certeza se o amor esperaria muito.

Considerações finais

Luamanda toma a voz ao fazer suas próprias escolhas de parcerias sexuais, independente do gênero, idade e afins. É uma atitude feminista, de uma mulher dona do seu destino que será sim atravessada por violências, por machismos e sexismos, mas que apesar de tudo se levanta. Ainda assim irá viver o momento da dor e, em seguida, sairá em sua liberdade, aliviada da opressão vivida. Esse conto possibilita inúmeras outras análises, ainda dentro da perspectiva da análise literária, pois a escrita de autoria feminina se diferencia de outras por falar de uma coletividade, mesmo sem trazer várias outras vozes diferentes ao discurso.

Estudar e ler literatura contemporânea escrita por mulheres negras é uma atitude decolonial urgente, visto que é necessário que valorizemos e conheçamos as mais diversas formas de existência e pensamentos. Inevitavelmente as perguntas feitas por Luamanda não serão de pronto respondidas, contudo, as reflexões ficarão tanto para quem vivenciou situações semelhantes, quanto para quem está tendo contato com a escrita. Por fim, resalto a importância da valorização da escrita feminina e observação das nuances envolvidas nos



discursos, por mais imbrincados que estejam. É necessário que discutamos sobre violência doméstica e também sobre as problemáticas que perpassam os corpos das mulheres negras no Brasil.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres. EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 286-286, 2011.

ATLAS DA VIOLÊNCIA DE 2021. Disponível em:
<http://www.mulheres.ba.gov.br/2021/09/3327/Atlas-da-Violencia-2021-66-das-mulheres-assinadas-no-Brasil-sao-negras.html> Acesso em: 24 out. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos** / organização Flávia Rios, Márcia Lima. — 1ª Ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Codogó, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. — 1ª Ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas - Estudos gays: gênero & sexualidades**. v. 4, n. 05, Natal, p.18 – 44, 2012.

WERNECK, Jurema. Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. **Revista ABPN**. v. 1, n.1 – mar-jun, 2010.